



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10265 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

AS SEXUALIDADES COMO MANIFESTAÇÃO DA VERDADE: IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E POLÍTICAS NA EDUCAÇÃO

Marco Antonio Torres - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Introdução

O presente texto apresenta um ensaio que busca discutir processos de subjetivação das sexualidades e possíveis desdobramentos nos contextos educacionais. Para isto, buscamos dialogar com a noção de aleturgia nos escritos de Michel Foucault na década de 1980, considerando uma noção fértil para proposições políticas e metodológicas às pesquisas que tratam das sexualidades nos contextos educacionais. Partimos da compreensão de que os corpos resistem à cisheteronormatividade e produzem inteligibilidades sobre formas de vida que se anunciam como travestis, transexuais, gays, lésbicas, não binárias, *queers*, entre outras. A validação destas já não dependem de uma prescrição dos saberes canônicos das ciências psi e/ou das normatizações legais de entidades governamentais. Uma pessoa não binária ou uma mulher transexual lésbica prescinde da tutela das legitimações prescritas, ainda que possa fazer uso delas. A inteligibilidade das sexualidades dizem de experimentações possíveis que possibilitam se afirmar a partir do que experimentaram, daquilo que viram e tocaram com seus corpos, ou seja, dependem da manifestação das sexualidades pelos rituais de verdade que conseguem acessar. Por fim, consideramos que a escola ainda precisa ouvir os relatos que nos informam sobre as sexualidades como política, como formas de vida apresentadas pelos próprios sujeitos que as vivem, ao invés de se ater apenas às normativas e verdades acadêmicas, científicas ou mesmo jurídicas produzidas sobre esses sujeitos.

As sexualidades como manifestação da verdade a partir dos sujeitos

No Brasil, a existência das sexualidades, seja na vida das pessoas, ou na produção de séries, realitys, novelas e filmes têm apresentado certo número de personagens marcados por essas sexualidades, muitas vezes de forma caricaturada, porém capazes de gerar debates e mobilizar discursos ao redor das sexualidades. É nessa sociedade que os sujeitos operam a partir de uma inteligibilidade referenciada, experimentam formas de subjetivação em que não duvidam da legitimidade de seu desejo e se abrem à potência de seus corpos.

Consideramos que a manifestação das formas de vida trans, gays, pessoas não binárias, sejam identitárias ou não, como verdade, ocorre numa espécie de aleturgia (FOUCAULT, 2018) das sexualidades, em nuances que apontam contingências impostas pela pobreza, pelo pertencimento étnico, pelas experiências religiosas, pelas conquistas das lutas sociais, enfim, pelas questões que a vida impõe e podem ou não se tornar um destino. Porém, ainda persiste e tenta resistir nos terrenos da escola um anacronismo que produz limites estreitos demais para as formas de vida constituídas pelas sexualidades. Estas não desfrutam de uma

inteligibilidade moral e política por contestarem e/ou transformarem a norma. Ainda assim, as normativas do gênero e das sexualidades não são totalmente superadas pelas sexualidades (BUTLER, 2015).

Para isto, dialogamos com produções acadêmicas que não anulem a voz dos sujeitos e suas posições, ainda que provisórias. Também buscamos por relatos de quem fala de si em pesquisas e publicações que abordam as sexualidades como forma de vida, como política e verdade. As pesquisas que temos participado nos processos de orientação de mestrado e doutorado apontam que é justamente fora da escola e de seus estreitos limites morais que se negociam, validam, experimentam as performatividades que se apresentam na escola. Em menor medida é entre os pares e em certas relações de solidariedade civil que os sujeitos conseguem algumas possibilidades de reconhecimento de si diante do outro, do coletivo e de si mesmo, ainda que tal reconhecimento seja marcado pela opacidade de quem relata a si mesmo (BUTLER, 2015).

O estudo das formas aletúrgicas (FOUCAULT, 2018) é proposto como modo de analisar os processos de veridicação do sujeito, ou seja, dos regimes de verdade. Isto difere de investigar orientado por uma epistemologia da verdade ou das estruturas discursivas desta. Ou seja, não investigamos os discursos da medicina ou das pedagogias que produzem os sujeitos, mas os regimes de verdade capazes de produzir formas de reconhecimento de si diante do outro, da comunidade e principalmente de si mesmo. Com isto, as últimas análises foucaultianas, da década de 1980, se livram dos cânones epistemológicos e da história da ciência, atentando-se para as possibilidades de da verdade a partir de “suas condições histórico-culturais de existência” (GROS, 2017, p. 303). As sexualidades ganharam inteligibilidade pelos rituais de verdade, pelas manifestações até ostensivas e exageradas, em performatividades orientadas pelas experiências dos sujeitos. Essas rituais de verdade podem dizer desde a troca de carinhos em público aos processos de transformação corporal.

Uma aleturgia das sexualidades

Corpos e mais corpos se afirmando trans mesmo sem se valer de hormônio ou cirurgia, homens trans abrindo mão de disfarçar os seios e podendo inclusive dizer que isso não faz deles menos homens, mulheres trans e travestis lidando de forma mais tranquila com seus pêlos (inclusive os faciais), seu pouco peito, suas entradas, calvície, muitas pessoas se permitindo manter o nome de registro mas forçando-o a existir agora sob um novo gênero (a Raul, a Guilherme, a Laerte, o Priscila) ou sob gênero algum. A verdade é que as expressões “homem com vagina” e “mulher com pênis” vão cada vez ganhando mais força, assim como tudo o que decorre disso, e a consequência é uma transformação radical do que se entendia por feminino e masculino, de como homens e mulheres podiam/deviam ser (MOIRA, 2017, s/p).

Amara Moira nos oferece nesse breve relato em sua coluna, numa página da *web*, uma afirmação que pode dar vertigem até em quem dialoga com as questões de gênero. A frase, “A verdade é que as expressões “homem com vagina” e “mulher com pênis” vão ganhando mais força [...]”, constitui enunciados de um discurso incipiente na sociedade, até exagerado, mas fala daquilo que os rituais de verdade podem produzir. Tais enunciados emergem como verdade a partir de quais quadros de referência? Por quais modos os sujeitos estabelecem uma ligação com essa verdade? Os caminhos que se toma para responder essas questões são importantes e nesse texto propomos que se poderia pensar além de uma epistemologia das sexualidades. Nossas metodologias poderiam caminhar no sentido de investigar as formas

aletúrgicas de manifestação das sexualidades. Nos contextos escolares isso significaria consultar os próprios sujeitos e não as pesquisas ou manuais que descrevam e definam as sexualidades, muito menos certos domínios da *expertise* sobre o assunto.

Aqueles corpos que causam estranhezas a partir das sexualidades, ao se constituírem como sujeitos, nas lógicas de governamentalidade, têm entrado e permanecido onde sua ausência é histórica, desde os domínios da religião até aqueles da política, dos nichos familiares até aqueles da educação escolar. É importante destacar que isso não significa um reconhecimento efetivo da condição desses sujeitos, geralmente, para isto, se exige estratégias e formas de resistência nos processos de subjetivação. Isto tem aparecido nas pesquisas recentes em terreiros de matriz africana (DIAS, COLLING, 2018) ou nas que investigam igrejas inclusivas (NATIVIDADE, 2017), sendo muito variável a inserção dessas pessoas em diferentes contextos sociais (SILVA, CERQUEIRA-SANTOS, 2014).

Entre esses sujeitos poderíamos pensar naqueles que Megg Rayara (2017) chamou de gays afeminados, viados e bichas pretas, localizando-se ela mesma nessas experiências de violências e lutas por sobrevivência física e emocional. Todavia, nesses contextos, ainda é marcante a raridade de pessoas que assumam suas sexualidades publicamente, de modo particular os corpos trans, principalmente como esses foram produzidos pelo discurso científico em nossa sociedade (LEITE JR., 2011). Podemos dizer que a (re)existência desses sujeitos desloca todos nós que temos um corpo que pulsa e respira, pois revelam algumas potências que são comuns a nós. É nesse terreno que se produzem determinados sujeitos como verdades, como política e como vidas que se manifestam a partir de um quadro de referências que não se coloca em liste facilmente, ou seja, a partir de regimes de verdade marcados pela cisheteronormatividade.

Aqui experimentamos a noção foucaultiana de aleturgia, trabalhada pelo autor em dois de seus cursos, em 1980 (2018a) e em 1984 (2017) para pensar as formas de manifestação da verdade, como definido a seguir.

O conjunto de procedimentos possíveis, verbais ou não, pelos quais se revela o que é dado como verdadeiro em oposição ao falso, ao oculto, ao indizível, ao imprevisível, ao esquecimento, e dizer que não há exercício de poder sem algo como uma aleturgia (FOUCAULT, 2018, p. 8).

Consideramos que o diálogo com a noção de aleturgia pode oferecer pistas interessantes de como as sexualidades têm se constituídos como manifestação da verdade para certos sujeitos que adentram o espaço público, e aqui nos interessa o educacional. No presente texto, por sexualidades indicamos formas de existência, seja em articulações e/ou rompimentos com posições identitárias. Se constituem em formas de vida ou experiências de travestis, transexuais, pessoas não binárias, lésbicas, gays, intersexuais, assexuais, *queers*, entre outras já existentes ou por vir. Assim, mesmo o que se afirma como identidade compreendemos como experiências do sujeito a partir de um quadro de referência, um regime de verdade, que tornou possível um certo modo de subjetivação.

Aqui temos uma importante questão metodológica, um argumento que coloca em análise o modo como em as pesquisas se aproximam das sexualidades. Esta geralmente pode reduzir as formas de existências a discursos específicos, como ainda acontece com os corpos trans nos domínios acadêmicos-científicos, como indicam algumas pesquisas (GRADE, GROSS, UBESSI, 2019; LEITE JR, 2011).

Essa produção do verdadeiro, queremos entender, ganha legitimidade não somente pela chancela das ciências, pela força das lutas sociais, pelas pedagogias e/ou pregações

religiosas inclusivas, ou coisas semelhantes, mas pelos rituais de verdade, por aquilo que temos entendido como formas aletúrgicas. Na perspectiva foucaultiana, o conhecimento, a produção do verdadeiro na consciência de cada um, seria “[...] formas possíveis de aleturgia. A ciência, o conhecimento objetivo, não é mais que um dos casos possíveis de todas essas formas pelas quais podemos manifestar o verdadeiro” (FOUCAULT, 2018, p. 8).

Considerações finais

Podemos ver certa impertinência no uso dessa noção de aleturgia por nossa parte, afinal Foucault (2018) a resgata dos gregos antigos para analisar a manifestação da verdade na tragédia de Édipo e nos escritos da Patrística. Todavia, consideramos que essa noção pode ajudar nas análises que tomam a sexualidade como experiência e não substância nos processos de subjetivação, algo que se relaciona a regimes de verdade, ou de veridicção, na orientação do governo da vida. Nessa perspectiva em que consideramos as sexualidades a partir das formas aletúrgicas, destacamos a produção da verdade a partir dos sujeitos que a vivem.

Desde ponto de vista, propomos uma crítica às metodologias que definem as sexualidades a partir de autoritarismos epistemológicos e/ou identitários, aqueles que desconsideram as formas aletúrgicas para dizer das formas de vida daqueles sujeitos que resistem aos regimes de verdades produtores da cisheteronormatividade. No contexto da Educação, uma aproximação excessiva dos discursos médicos e/ou normativos, estatais ou não, podem produzir a persistência de anacronismos que impeçam o reconhecimento de outras formas de existências nos domínios das sexualidades. Vidas que se configuram como aquelas apontadas por Moira (2017) e Rayara (2017), vidas que podem tornar insuportáveis ou difíceis de se viver no anacronismo da cisheteronormatividade.

Palavras-chave: Aleturgia; Sexualidades; Educação.

Referências

- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. 1ed.; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- DIAS, C.; COLLING, L. Resistências e rejeições nas vivências de pessoas trans no Candomblé da Bahia. **Ex aequo**, Lisboa, n. 38, p. 95-110, dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602018000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 jun. 2020.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade:** o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). São Paulo: WMFMartins Fontes, 2017.
- FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos:** Curso no Collège de France (1979-1980). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMFMartins Fontes, 2018.
- GRADE, C.; GROSS, C. B.; UBESSI, L. D. Patologização da transexualidade a partir de uma revisão integrativa. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 435-451, ago. 2019. Disponível em: <https://docplayer.com.br/154516461-Patologizacao-da-transexualidade-a-partir-de-uma-revisao-integrativa.html>. Acesso em 10 jun. 2020.
- LEITE JR., J. **Nossos corpos também mudam:** a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. São Paulo: Annablume, 2011.
- MOIRA, A. Quem tem medo do movimento trans? **Mídia Ninja**, 03 abr. 2017. Disponível em: <https://midianinja.org/amaramoira/quem-tem-medo-do-movimento-trans/> Acesso em: 22

jan. 2018.

NATIVIDADE, M. T. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro , v. 37, n. 1, p. 15-33, Jan. 2017 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872017000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 set. 2020.

OLIVEIRA, M. R. G. De. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

SILVA, B. de B.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. **Revista SPAGESP**, Ribeirão Preto , v. 15, n. 2, p. 27-44, dez. 2014 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 ago. 2020.